

UMA CIMEIRA DITA DECISIVA, QUE NÃO FOI

por Mário Soares

Regresso ao contacto com os leitores do Diário de Notícias depois de um interregno de quase quatro meses, em que estive obrigado, a par dos meus afazeres quotidianos, a acabar o meu último livro, segundo promessa feita à Editora.

Mas os meus artigos, apesar da gravidade da situação que vivemos, em Portugal e na União Europeia, vão passar a ser mais concisos e sintéticos do que no passado, por julgar ser melhor para os meus eventuais leitores e menos trabalhosos para mim.

O final da semana passada, com a Cimeira dita decisiva, que teve lugar em Bruxelas, no dia 9, foi, creio, para a esmagadora maioria dos europeus que a seguiram, uma grande decepção. Porquê? Porque a crise do euro está longe de ser vencida - veremos como vão evoluir os mercados especulativos e as tão temidas e inaceitáveis Agências de Rating - e a desagregação da União, não ficou, inteiramente, fora de questão, apesar do afastamento do Reino Unido e a posição de isolamento do seu primeiro-ministro, David Cameron. Este, com a atitude que tomou, criou um grande alívio para os europeístas e uma situação mais ou menos difícil para os Estados-membros, até agora seus aliados: a Suécia, a Polónia, a República Checa, a Dinamarca, a Hungria, a Bulgária, a Letónia, a Lituânia e a Roménia. Sem esquecer a City...

A vencedora da Cimeira parece ter sido, uma vez mais, a chanceler Merkel, com a teimosia e falta de visão, que a caracterizam. Isto é: levou a sua avante, apesar das posições críticas crescentes que tem no interior do seu País e fora dele. Vide o Congresso do SPD, onde estive, a acertar posições, o líder do PS francês, François Hollande, o comportamento político dos Verdes, e de alguns democratas cristãos, a sério, como Helmut Kohl. Nicolas Sarkozy, que se tornou uma espécie de ajudante da Chanceler, perdeu em toda a linha, o que seguramente vai prejudicar a sua campanha eleitoral.

Resultado: ao Banco Central Europeu não foram conferidos os poderes que deveriam ter sido - o de emitir moeda, por exemplo - como a Reserva Federal americana, a City ou até o Japão; à Comissão Europeia e ao Presidente da União, praticamente, ninguém os ouviu; e o Parlamento Europeu que, no plano institucional, representa o "Povo Europeu", podia e devia ter uma voz - e uma presença - nestas Cimeiras, continua ignorado. E é pena porque lhe cumpriria defender o Projecto Europeu.

Tudo isto, por falta de coragem e capacidade dos protagonistas das diferentes instituições referidas, os quais instalados no conforto dos seus rendosos lugares, são incapazes de arriscar qualquer opinião, a não ser de rotina. É uma tristeza! Assim, a Cimeira do dia 9 foi, como todas as outras, um flop: muitas promessas, que se sabe não poderão ser cumpridas, e muito poucos passos para defender o euro e impedir a desagregação, a prazo, da União. Continuamos, assim, à beira do abismo, sem fazer nada de seguro para o evitar, como avisaram, entre tantos outros, Delors, Kohl, Schmidt... Será que a chanceler Merkel terá um plano próprio, que os outros Estados ignoram?

A única e grande novidade foi a saída do Reino Unido, dado que não foram satisfeitas - e ainda bem - as exigências de David Cameron e também o facto de ter ficado isolado dos seus antigos aliados do Grupo europeu, que até agora nunca tinham aceiteado o euro. A Inglaterra deixou, assim, de ter "um pé na América e outro na Europa" - o que clarifica sem dúvida a sua posição - mas cria problemas sérios à City e, finalmente, deixa de empurrar o Projecto Europeu para uma EFTA, em ponto grande, como sempre tentou fazer no passado.

Contudo, não se vê como a União Europeia e o euro vão sair do imbróglio em que os seus dirigentes se meteram e nos meteram a todos nós europeístas. Há valores fundamentais, como a solidariedade e a igualdade de todos os Estados, que estão a desaparecer paulatinamente. A justiça social - uma das grandes conquistas do pós-guerra - a pouco e pouco está a ser eliminada. E aos próprios Direitos Humanos acontece o mesmo. Os mercados especulativos continuam a corroer tudo - e a própria Democracia - como tem vindo a avisar o grande filósofo Jürgen Habermas.

Está a tornar-se cada vez mais óbvio que sem uma ruptura a sério, o abandono do neo-liberalismo e a regulação ética da globalização, a União Europeia e o euro vão entrar, inexoravelmente, numa profunda decadência, que nos atinge a todos, europeus e, indirectamente, o equilíbrio mundial.

Em meados de Janeiro a Itália vai necessitar de um grande auxílio de muitos milhões de euros para poder pagar os juros da dívida. O Banco Central Europeu não está em condições de lhe valer. Quem o vai fazer? Com a falta de medidas responsáveis, a austeridade, por si só, não chega e, pelo contrário, estimula a recessão. Assim, a União Europeia não será capaz de salvar o euro. A menos que mude de paradigma.

A Senhora Merkel, com as suas receitas, parece apenas querer ganhar tempo. Para ela, que tudo indica vai sair de cena, talvez seja útil. Mas para a Europa é uma catástrofe, ficando na história, como a principal responsável dos nossos males. Com que objectivo?

O Outono russo está a parecer-se com a "Primavera islâmica", que tem vindo a modificar a situação no Próximo Oriente e no Magrebe. Como assim? Porque os russos vieram para a rua, pacificamente, a reclamar liberdade, democracia e trabalho digno. E isso conta e impressiona, num Povo de grande cultura e diferentes tradições.

Agora aconteceu na grande Rússia depois de umas eleições muito polémicas e cuja imparcialidade foi negada. Os russos, de todos os partidos, apesar do frio, desceram às ruas das grandes cidades, até da Sibéria, a reclamar eleições livres e sérias e liberdade e democracia. Quem tal diria, depois de tantas décadas de ditadura comunista?

A nova comunicação social - dada a revolução informática que está em curso - vai mudando o Mundo e as mentalidades em todos os Continentes. As pessoas pensam pelas suas próprias cabeças, acreditam nos Direitos Humanos e vêm para a rua manifestar-se, sem medo. Parece que a hora dos tiranos passou. Oxalá assim seja.

O Centro Nacional de Cultura e a Fundação Gulbenkian promoveram, na passada semana, uma muito merecida homenagem ao ilustre agrónomo, ambientalista e arquitecto, Gonçalo Ribeiro Teles. Tive a honra de participar nessa sessão memorável, em que estavam presentes muitos dos seus admiradores e amigos e são imensos, de diferentes quadrantes políticos e ideológicos e, sobretudo, muitos ambientalistas.

Gonçalo Ribeiro Teles é uma personagem singular: uma figura profundamente respeitada pelo que fez, ao longo da vida, tendo sido o primeiro a chamar a atenção para a importância do ambiente, do ordenamento do território e do incremento da agricultura quando, em tempo de vacas gordas, se dizia que "a agricultura era para esquecer". É, igualmente, um cidadão exemplar, um homem livre, cheio de bom senso e espírito patriótico, que sendo monárquico, foi sempre um democrata e um lutador contra da ditadura. Foi, aliás, nessas lides - no tempo ainda de Salazar - que o conheci e nos tornámos amigos. E assim continuámos pela vida fora, tendo participado ambos no I Governo Provisório, após o 25 de Abril.

Os organizadores da homenagem promoveram a edição de um livro, que é uma fotobiografia lindíssima, muito variada, de Gonçalo Ribeiro Teles. Um livro que merece, por todas as razões ser lido e meditado.

Lisboa, 13 de Dezembro de 2011